

“Oh mulambo, tu não tem estádio”: reflexões antropológicas acerca de um grupo de torcedores vascaínos assistindo um clássico do futebol

Milena da Costa Matias

Universidade Federal da Paraíba

milenamatiasf@gmail.com

<https://orcid.org/0009-0009-5059-1850>

RESUMO

Este relato etnográfico traz reflexões produzidas por meio do acompanhamento de um grupo de torcedores (as) vascaínos (as) que se reúnem para assistir às transmissões dos jogos do clube em um bar situado na cidade de João Pessoa, Paraíba, Brasil. O dia narrado neste relato foi um jogo entre Vasco e Flamengo e se insere no campo da Antropologia Urbana e da Antropologia das Práticas Esportivas. O futebol, como um recorte da sociedade brasileira, revela muitas questões sociais. Neste relato, descrevo aspectos da performance dos torcedores homens que, em muitos momentos, estão arraigados de vestígios de machismo, cujos indícios surgem a partir da construção do gênero masculino. Versa também sobre a dinâmica de organização do grupo para essa atividade e como, por meio dele, o espaço urbano produz relações de sociabilidade e novos movimentos e fluxos na cidade a partir do objetivo de estar em um espaço entre iguais.

Palavras-chave: Antropologia das práticas esportivas; Grupos de torcedores; Futebol; Sociabilidade; Cidade.

“Hey mulambo, you don’t have a stadium”: anthropological reflections from a group of Vasco fans on classic football gameday

ABSTRACT

This ethnographic report brings reflections produced through monitoring a group of Vasco fans who gather to watch the broadcast of the club's games in a bar located in the city of João Pessoa, Paraíba/BR. The day narrated in this report was a classic game between Vasco and Flamengo and fell within the greater field of Urban Anthropology and Sports Practices. Football, as a section of Brazilian society reveals many social issues to us, as descriptives aspects of the actions of male fans, which in many moments are rooted in traces of machismo within the construction of the masculine gender. Also talking about the dynamics of group organization for this activity and how through it, urban space produces sociability relationships and new movements and flows in the city based on the objective of being in a space of equals.

Keywords: Anthropology of Sports Practices; Fan groups; Football; Sociability; City.

“Ay mulambo, no tienes estadio”: reflexiones antropológicas de un grupo de hinchas del Vasco viendo un clásico de fútbol

RESUMEN

Este informe etnográfico contiene reflexiones producidas a partir del seguimiento de un grupo de hinchas del Vasco que se reúnen para ver la transmisión de los partidos del club en un bar de la ciudad de João Pessoa, Paraíba/BR. La jornada narrada en este reportaje fue un clásico entre Vasco y Flamengo y se inscribe en el campo de la Antropología Urbana y las Prácticas Deportivas. El fútbol, como sección transversal de la sociedad brasileña, revela muchas cuestiones sociales. En este informe, describo aspectos de la actuación de los hinchas masculinos, que a menudo está arraigada en trazos de machismo, que parte de la construcción del género masculino. También discuto la dinámica de cómo el grupo se organiza para esta actividad y cómo, a través de ella, el espacio urbano produce relaciones de sociabilidad y nuevos movimientos y flujos en la ciudad basados en el objetivo de estar en un espacio de iguales.

Palabras clave: Antropología de las prácticas deportivas; Agrupaciones de aficionados; Fútbol; Sociabilidad; Ciudad.

Introdução

O presente relato etnográfico versa sobre grupos de torcedores de times de futebol que se reúnem nos bares de João Pessoa, Paraíba, para assistir às transmissões dos jogos de futebol, bem como as subjetividades que se constroem a partir do torcer. Juntamente com as interações sociais entre os torcedores e as questões relativas a gênero, infância e performance dos(as) torcedores(as). Este relato é um fragmento do meu diário de campo, no qual tenho desenvolvido reflexões sobre o universo do futebol, que farão parte da minha tese de doutorado, ainda em andamento. No primeiro tópico, “Futebol, gregarismo e o grupo de torcedores Vasco Paraíba”, trago alguns autores importantes que utilizo como embasamento da pesquisa no que diz respeito ao entendimento do que é o futebol e o surgimento das primeiras torcidas uniformizadas do Brasil. Apresento, ainda, o grupo sobre o qual este relato trata, o grupo de torcedores Vasco Paraíba, e trago o perfil de torcedores(as), com foco nos marcadores sociais da diferença. Em seguida, início a discussão sobre as primeiras questões observadas no dia deste jogo, como a relação do futebol com a alimentação, que desencadeia uma discussão sobre a categoria cuidado no momento dos jogos, levando em consideração a presença das mulheres/mães que também vivem essa experiência, mas de forma distinta dos homens em alguns momentos.

No segundo tópico, “É como se fossem um lixo””: rivalidades e disputas entre torcidas”, trago dados a respeito de como os(as) torcedores(as) enxergam as torcidas rivais e de que forma essas disputas e rivalidades se fazem presente no momento dos jogos, pensando esse aspecto do futebol à luz da perspectiva simmeliana de conflito, na qual as divergências se mostram como importante elemento dentro dos grupos sociais.

No terceiro tópico, intitulado “Quando o corpo está para jogo: reflexões sobre ser uma pesquisadora mulher”, descrevo alguns desafios que eu, como uma pesquisadora mulher, enfrento ao fazer pesquisa, pensando também as estratégias que são necessárias para construir vínculos com os(as) interlocutores(as) e também para minimizar os riscos que uma etnografia pode trazer à uma pesquisadora mulher. Nesse sentido, resalto a importância de estar sempre trazendo a questão de gênero para as discussões metodológicas.

Por fim, no último tópico, intitulado “Ouvindo cada grito e cada canto: pensando as masculinidades construídas entre os torcedores”, observo, através do vocabulário e de alguns cantos, como os torcedores evidenciam uma afirmação da masculinidade e da heteronormatividade. Além disso, discuto como o futebol possui interferências do patriarcalismo e como, em muitos momentos, o masculino é colocado como superior ao

feminino, com momentos de falas hostis, mesmo com a crescente presença de mulheres nas torcidas e grupos de torcedores(as).

Futebol, gregarismo e o grupo de torcedores Vasco Paraíba

Para a compreensão do universo do futebol, utilizo algumas referências como Roberto DaMatta (1982), que concebe o futebol como veículo de uma série de dramatizações da sociedade brasileira. Esse autor conjectura que, quanto mais adentramos no mundo do futebol, mais possibilidades temos de produzir interpretações sobre a sociedade brasileira. Roberto DaMatta faz uma leitura do sistema social brasileiro utilizando o futebol. Para ele, devemos fazer uma análise do futebol junto com uma análise da sociedade. Portanto, estudar futebol é pensar a relação esporte/sociedade. Nesse sentido, alinho-me a perspectiva que esse autor traz no sentido de compreender que, embora o futebol também seja visto como um produto do mercado e de relações de poder de uma civilização que tem seu alicerce na produção de riqueza (modo capitalista de produção), nele estão contidos elementos de relações complexas que constituem a vida em sociedade.

Partilho também da discussão de Luiz Henrique de Toledo (2000) que, ao discutir o processo de popularização do futebol no Brasil, aponta para um elemento muito importante que não eram os jogadores, nem os funcionários, nem as diretorias dos clubes, mas um que traz entusiasmo ao futebol: os torcedores, aos quais, de acordo com o autor, pode ser atribuído um sentido de suporte moral, elevação da emoção e, em terceiro lugar, mas não menos importante, auxílio financeiro para os clubes por meio de programas de sócio torcedor, lojas com produtos oficiais e compras de ingressos.

As décadas 40 e 50 marcam um período de ascensão das formas coletivizadas de torcer em que surgem algumas das primeiras torcidas uniformizadas no Brasil, dotadas de diversidade e complexidade. Esses grupos passam a atuar não só em campo, mas na esfera pública, por meios de projetos e ações sociais. Toledo (2000) destaca que, com esse movimento efervescente, não se pode tomar explicações simplistas sobre as formas de torcer e as diversas identidades torcedoras. Qualquer tentativa de redução cai por terra quando se pensa o enorme panorama do universo torcedor no Brasil. Dessa forma, proponho-me a pensar justamente nessa complexidade das relações entre torcedores(as) e suas experiências coletivas.

No primeiro momento de campo, estive realizando observação participante com um grupo de torcedores(as) que se chama “Vasco Paraíba”. Eles são torcedores do Club

de Regatas Vasco da Gama, cujas alcunhas são “Gigante da Colina, Cruzmaltino, Almirante” e o seu mascote é um pirata, que remete ao comandante navegador Vasco da Gama, pois o Clube foi fundado por um grupo de imigrantes portugueses em 21 de agosto de 1898, na cidade do Rio de Janeiro. Esses portugueses decidiram criar uma agremiação esportiva que, de início, tratou de esportes aquáticos. Nesse sentido, iniciou-se como um clube de remo e, posteriormente, em 1916, o futebol foi incluído no clube. A partir disso, o futebol começou a conquistar uma legião de torcedores(as) pelo Brasil.

Dessa forma, apesar de não ser um time local, o clube tem uma torcida significativa na Paraíba, onde, em 2018, nasceu a torcida Vasco Paraíba, com o objetivo de se reunir para assistir às transmissões dos jogos do Vasco. “A distância é apenas um detalhe” é o slogan do grupo, pois, mesmo de longe, os membros apoiam o Vasco em cada jogo, vibrando, torcendo e cantando durante a partida.

A articulação desses encontros acontece por meio do grupo de *WhatsApp*¹ e da rede social *Instagram*², onde os(as) interessados(as) em assistirem à transmissão do jogo, de forma coletiva, se manifestam, dando seu nome para ser incluído na lista que será passada para o proprietário do bar, que deve se preparar para suprir a demanda quanto a alimentos, bebidas e atendimento.

O grupo é bastante diverso, formado por homens e mulheres, com presença de muitas pessoas negras e LGBTQIAPN+, de diferentes profissões. Na questão geracional, o grupo também é diverso. Há jovens na faixa de 20 anos até adultos de 40 e 50 anos.

Os membros da torcida Vasco Paraíba residem em diversos bairros de João Pessoa, mas um número considerável reside no bairro Valentina, que fica localizado na parte sul da cidade. É um bairro periférico no sentido geográfico, pois se distancia do centro, e no sentido social, por possuir algumas comunidades, e que está em expansão, com a construção de diversos prédios residenciais e comércios.

Em cada jogo que acompanho, vou observando e captando novas questões relacionadas às formas de torcer e aos entornos sociais do futebol. O dia de jogo, para o(a)

¹ Whatsapp é um aplicativo de troca de mensagens de texto, áudio e vídeo. Pode ser baixado em aparelhos Android ou IOS.

² O *Instagram* é uma rede social *online* de compartilhamento de fotos e vídeos entre seus usuários, que permite aplicar filtros digitais e compartilhá-los em uma variedade de serviços de redes sociais. O aplicativo pode ser baixado em aparelhos Android ou IOS.

torcedor(a), é um dia de lazer entre família e amigos(as) e de socializar com pessoas que possuem algo em comum: o time.

Era um domingo quente, 22 de outubro de 2023, por volta do meio dia e meia, quando cheguei ao bar Espetos Mastodontes — que fica localizado no bairro Valentina. Ainda havia poucas pessoas no bar: os funcionários, o proprietário, Louise (diretora da torcida Vasco Paraíba) e sua companheira, Gaby, que já estavam a postos para receber os(as) torcedores(as) que haviam dado seus nomes para a lista de quem iria assistir ao jogo em grupo. Além de estarem recepcionando as pessoas, elas também estavam fazendo a venda dos copos personalizados com a logomarca do grupo. A estampa do copo é formada por um homem negro vestindo a camisa do Vasco, segurando uma faixa com a palavra “resistiremos” que tem a bandeira do estado da Paraíba no canto inferior das duas extremidades e, ao fundo, a imagem de um conjunto de casas, que lembram bairros periféricos. Ao lado direito do homem, o farol de Cabo Branco, que é um dos principais cartões postais da cidade de João Pessoa. Do lado esquerdo, o sol. Esses dois elementos representam João Pessoa, cidade onde acontecem os encontros do grupo. O copo possui ainda a logomarca oficial do grupo Vasco Paraíba, que é um brasão com uma embarcação e um chapéu de couro acima das velas, um sinal diacrítico que vem para representar o estado da Paraíba. Já a frase “A distância é apenas um detalhe”, simboliza a lealdade dos(as) torcedores(as) que, mesmo estando em uma cidade distante do estádio do Vasco (São Januário, localizado no Rio de Janeiro), torcem e se mobilizam onde estão. A estampa do copo explica, através da arte, um pouco do que é o grupo.

Eu realizei o pagamento do meu copo personalizado e procurei uma mesa para me acomodar. Estrategicamente, eu sempre opto por sentar em uma mesa que fica na ponta da primeira ou da segunda fileira, para que eu possa ter uma visão panorâmica das pessoas, enxergando-as de frente, para captar suas expressões, gestos e tudo que acontece durante o jogo.

Aos poucos, os(as) torcedores(as) foram chegando e preenchendo o espaço do bar. O jogo estava marcado para começar às 16h. Mas, nesse dia, foi combinada a realização de um pré-jogo, ou seja, um momento de reunião e descontração antes da partida de futebol televisionada. O início do pré-jogo é um momento de aquecimento, em que os(as) torcedores(as) conversam sobre as expectativas para a partida, começam a beber, comer, festejar. É um momento no qual se estabelece o que Georg Simmel (1983; 2006) chama de sociabilidade. Nesse caso, tendo em vista que o bar recebe uma torcida única (a do

Vasco), esse momento abre espaço para criação de vínculos de amizade e de relações que passam a se estreitar em um convívio para além dos momentos dos jogos.

Esse convívio dos(as) torcedores(as) pode ser compreendido através da ideia de “laços de associação” que Simmel (1983; 2006) apresenta. Os laços de associação permitem que as pessoas com instintos e interesses em comum interajam e formem uma sociedade. Isso pode ser entendido em um sentido genérico de sociedade como população geral, e no sentido de um grupo que possui identificações entre si. Para o autor, a humanidade se une porque encontra algum motivo satisfatório para tal. Por isso, Simmel define a sociabilidade como a forma lúdica da socição. Para Simmel, a sociabilidade não precisa necessariamente ter um objetivo, apenas o sucesso do momento ou que se produza uma lembrança dele. No entanto, o momento no qual os(as) torcedores(as) se encontram, possui um objetivo que é apoiar o seu time, criando outras extensões, que são as amizades que nascem e/ou se fortalecem a partir desse momento. Como também aponta o autor: “em consequência disso, as condições e os resultados do processo de sociabilidade são exclusivamente as pessoas que se encontram numa reunião social. Seu caráter é determinado por qualidades pessoais tais como amabilidade, refinamento, cordialidade e muitas outras fontes de atração” (Simmel, 1983, p. 170).

Nesse dia em especial, o bar acrescentou um prato que não costumava estar disponível no cardápio, a feijoada. O pré-jogo estava marcando exatamente para o horário em que a maioria das pessoas almoça, ao meio dia. Esse foi um elemento interessante desse dia, já que o “comer” esteve presente no pré-jogo, e a comida é algo que une pessoas, assim como o futebol. As pessoas chegavam, comiam e se acomodavam nas mesas. Observando as pessoas comendo, pensei em como o ato de comer está presente em momentos coletivos como esse. O prato escolhido, a feijoada, evoca as tradições e costumes brasileiros. No Brasil, a feijoada foi incorporada como símbolo de nacionalidade. Esse prato foi criado pelos povos escravizados, utilizando as sobras das partes do porco que eram desprezadas pelos senhores, conforme mostra Peter Fry (1982).

A alimentação tem um papel essencial para a vida, ela aparece como uma atividade central em diversas sociedades, já que o ser humano sempre teve que produzir as condições materiais de sua existência. Caçadores, camponeses, proletários na sociedade capitalista, entre outros, precisam produzir ou ir em busca de meios para conseguir o alimento. O momento da refeição pode ser útil ao pesquisador para estabelecer uma relação com os(as) interlocutores(as). Eu mesma já utilizei do momento do almoço para me aproximar de meus interlocutores durante minha pesquisa de campo na graduação. Ou

o próprio alimento pode ser o elemento central de uma pesquisa, pois, a partir dele, o(a) pesquisador(a) pode desvendar importantes aspectos do grupo estudado. O espaço da cozinha, por exemplo, no momento do preparo dos alimentos, a convivência e as relações que ali acontecem já são por si só um espaço revelador.

A comensalidade permeia todas as relações sociais humanas, como em ocasiões como casamentos, batizados e aniversários. Até rituais fúnebres, nos quais o corpo do morto é velado e, simultaneamente, são servidas comidas e bebidas em sua homenagem. No mundo corporativo, é comum marcar almoços para fechar negócios ou entregar vinhos/whiskys de presente a um cliente. Existem os rituais religiosos que também são permeados pela comensalidade, como nas religiões de matriz africana, nos quais os alimentos são preparados no terreiro com regras específicas e ofertados aos santos. Nas festas em celebração aos santos da igreja católica, como São João e São Pedro, comemora-se um período de colheita e, por isso, há uma abundância de alimentos em todas as festividades juninas. Nas festas pagãs, a comida também é presente. Em diversos momentos de sociabilidade, ao receber amigos ou familiares em casa, sempre prezamos por ter algo a oferecer, ou quando vamos participar de momentos na casa de amigos, é comum que se discuta quem leva qual prato, assim como nas festas de fim de ano, em que fazem brincadeiras envolvendo trocas de doces e panetões. Essas e outras formas de compartilhar e/ou trocar comida são vivenciadas ao longo da vida. O futebol é mais um desses momentos em que a comensalidade aparece. Geralmente, as pessoas têm o hábito de consumir bebidas alcóolicas, juntamente com o que se chama de “tira-gosto” ou petiscos, para acompanhar a cerveja ou outras bebidas.

Discutindo sobre o ato de comer, DaMatta faz a seguinte afirmação: “comida não é apenas uma substância alimentar, mas é também um modo, um estilo e um jeito de alimentar-se” (DaMatta, 1986, p. 56). Dessa forma, é possível trazer uma discussão sobre como é possível, através da observação do ato de comer, identificar como funcionam as relações em alguns grupos, nas quais aparecem os papéis de gênero, classe e raça. A antropologia enfatiza os aspectos simbólicos da alimentação, pois a comensalidade não satisfaz apenas as necessidades fisiológicas do ser humano, mas permeia uma série de simbolismos nas interações sociais.

A feijoada fez com que eu me sentisse provocada a observar outros momentos nos quais o grupo se reunirá, para me ater a quem fará a comida, quem servirá, quem lavará os pratos, entre outras tarefas. Em alguns grupos sociais que observei, como famílias e grupos de amigos, existe uma divisão das tarefas marcada pelo gênero. Nesse sentido, por

exemplo, os homens seriam os responsáveis por levar as bebidas e as mulheres a comida. Outro bom exemplo para entender essa divisão é quando são feitas cotas para comprar ingredientes para um determinado encontro. As mulheres, além de participarem financeiramente, ficam também responsáveis pelo preparo dos alimentos.

Nos momentos de transmissão dos jogos, observo que é a mulher/mãe quem para de comer ou de prestar atenção no telão para alimentar a criança, enquanto os homens continuam a assistir ao jogo e a tomar sua cerveja. Ver essas cenas de mulheres/mães alimentando seus filhos, me fez pensar em uma categoria essencial, a de cuidado, para discutir essa face das torcedoras, que estão ali para torcer, mas que, em nenhum momento, conseguem se desvincular de atividades voltadas para o outro. O cuidado consiste, grosso modo, em uma prática ou atividade que o ser humano desenvolve para manutenção da vida, incluindo nossos corpos e o ambiente em que vivemos. Essa categoria possui um caráter polissêmico. Ao contextualizar o cuidado, Marcia Reis Longhi (2019) afirma que essa categoria pode ser pensada como prática ou como disposição moral.

Por meio da observação do ato de comer, percebi que o que aparentemente seria só um dia de pré-jogo atípico, por estarem todos reunidos no horário do almoço, com o diferencial de ter a disposição um prato que não fazia parte do cardápio regular do bar, na verdade, demonstrou que o gênero interfere em como a pessoa desfruta daquele momento de lazer e como a pessoa vai vivenciar aquele espaço, se vai poder ver o jogo ou se terá tarefas a executar.

Homens e mulheres estão sujeitos a moralidades distintas. Se o homem não interrompe o ato de assistir ao jogo para alimentar a criança, ele não é apontado como um “pai ruim”. No entanto, se a mulher não percebe que seus(suas) filhos(as) estão com fome e continua prestando atenção ao jogo e tomando sua cerveja, logo, ela é julgada como uma mãe “desnaturada” — termo bastante utilizado para se referir às mães que não atendem ao que a sociedade considera como uma mãe que preenche todos os requisitos da maternagem.

Em *Os Nuer*, E. E. Evans-Pritchard (2005), nos oferece uma noção de tempo que é construído por meio das relações interpessoais, juntamente com a noção de espaço, que serve para refletirmos sobre como o tempo da mulher e do homem são diferentes. As pesquisas sobre a relação da maternidade e do cuidado, como mostra Camila Fernandes (2018), apontam que o tempo de cuidado, na maior parte das famílias, é despendido pela mulher, além de ser desvalorizado e/ou deslegitimado, em detrimento do tempo do homem que é ocupado com outras funções, a exemplo do trabalho “de verdade”, que

seria aquele feito fora de casa. No caso que trago, percebe-se como essa lógica do tempo de cuidado não é legitimado, tendo em vista que o próprio lazer da mulher se transforma em tempo de cuidado. Essa disparidade de gênero pode ser entendida levando em consideração que, historicamente, construiu-se uma ideia de “instinto materno”, em que a mulher é colocada como uma cuidadora nata, que deve ser responsabilizada por atividades da vida privada, fazendo, assim, com que o cuidado seja muitas vezes invisibilizado ou colocado como algo inerente à mulher. Já ao homem, é destinado o papel de provedor e responsável pelas atividades no âmbito público, criando núcleos familiares sob um modelo patriarcal (Palomo, 2008; Scott, 2010; Fraser, 2016 *apud* Longui, 2019).

Ser a mulher quem provê as necessidades de uma criança no momento do jogo revela muito sobre como a mulher é sempre colocada em uma posição de serviço e cuidado, mesmo em momentos que deveriam ser exclusivamente de lazer. Uma vez que, para a maior parte dos homens, o seu momento de lazer não recebe interferências, seja estando em casa ou em espaços públicos, como é o caso do bar, percebe-se como o cuidado é romantizado pela sociedade e tratado como se fosse algo inerente à mulher. Na verdade, essa atribuição foi construída historicamente como algo que deveria ser imposto como atividade das mulheres e/ou das mães. Colocando, assim, os homens em mais uma posição de privilégio em detrimento de uma sobrecarga de funções na vida da mulher.

Enquanto esse movimento acontecia, um dos torcedores pegou algumas bandeiras do Vasco para pendurar nas grades do bar, tornando-o um ambiente que trazia símbolos materiais referentes ao time, com uma estética voltada ao futebol. Além dessa ornamentação (bandeiras, bolas e instrumentos musicais decorados com adesivos do brasão do time), as pessoas também traziam esses símbolos consigo em vestimentas, camisas, bonés, tatuagens e/ou acessórios, para mostrar seu apoio ao time e seu pertencimento ao grupo de torcedores(as). Dessa forma, para quem passava na rua, era explícito que o bar era o espaço que refletia uma coletividade que tinha algo em comum, pois a visão era de muito preto e branco (cores do brasão do time). Essa ornamentação no bar, seguindo os escritos de Sherry Ortner (2011), mostra que os símbolos desempenham operações práticas no processo social. A cultura é incorporada em símbolos públicos, através dos quais as sociedades comunicam sua visão de mundo. Todo o visual do bar comunicava a quem passava que ali era o espaço de um grupo, onde acontecia uma prática coletiva, ou seja, esses símbolos operam como veículos de cultura. Nesse caso, são representações da cultura do torcer que nos permite adentrar em questões importantes sobre o perfil torcedor, uma vez que os elementos simbólicos não se encerram em si mesmos.

Com o passar das horas, o bar foi sendo ocupado com mais pessoas do que comporta sua capacidade máxima. Os músicos foram chegando e iniciando a montagem do som e dos instrumentos, organizando-se em mesas no centro do bar. Os músicos eram quatro: um cavaquinista, um pandeirista, um tocador de tantã e um vocalista que também tocava banjo. O pagode teve início com músicas comuns, mas, quando o horário do jogo se aproximou, aproximadamente uns 30 minutos antes, começaram a cantar algumas paródias de músicas que foram criadas pela torcida do Vasco, como “Ana Júlia Vascaína” (da música “Ana Júlia”, de Los Hermanos) e “Falta você” (do cantor Thiaguinho).

O jogo iniciou às 16h. A “bateria”, que é formada por duas pessoas que tocam um surdo e um repique e que tem a função de animar a torcida durante o jogo, através das músicas e dos gritos de guerra do time, fica sempre incentivando todos(as) a cantarem. Com isso, o jogo vai acontecendo, mas pouco ou quase nada se consegue ouvir da narração, pois a prioridade é vibrar e cantar durante todo o tempo da partida.

“É como se fossem um lixo”: rivalidades e disputas entre torcidas

É essencial endossar que esse não era um jogo comum, mas um clássico entre Vasco e Flamengo. Podemos afirmar que entre torcedores(as) dos dois times e dos amantes do futebol, é quase unânime a opinião de que eles são os maiores rivais entre os clubes do Rio de Janeiro. Em jogos entre rivais, podem acontecer situações de brigas entre as torcidas, devido às provocações por meio de gestos e/ou palavras, algo que já aconteceu dentro dos estádios e também pode acontecer nos bares, já que muitos transmitem os jogos como forma de atrair o público e melhorar sua lucratividade.

Dessa forma, os bares onde as torcidas dos dois times assistem ao jogo, caso estejam próximos, podem ter de lidar com possíveis conflitos. Entre as torcidas do Vasco e algumas torcidas de outros times, pode acontecer o que Alfred Radcliffe-Brown (1973) chama de parentesco por brincadeira, que consiste em relações que são de antagonismo e amistosidade simultaneamente. Em outras palavras, pode ser compreendido como um desrespeito lícito. Nessas relações, as pessoas se importunam ou se zombam, mas não há um aborrecimento real com as palavras utilizadas. Há diferentes formas dessa relação se apresentar: pode ser apenas verbalmente ou pode haver contato físico, além de gestos obscenos.

No futebol, é comum que ocorram importunações amigáveis entre torcedores de times adversários, conforme discutido por Radcliffe-Brown (1973). Isso não acontece

entre as torcidas de Vasco e Flamengo, em que a relação não é apenas de adversários comuns, mas de arqui-inimigos que vivenciam uma extrema rivalidade que, em momento de jogos em bares, não há espaço para amistosidade. Esses conflitos acontecem dentro dos estádios e também em seus entornos. Uma vez que o futebol levanta questões que estão na vida cotidiana, o conflito acontece também em outros espaços, sendo um fenômeno comum da vida social como um todo.

No entanto, nos dias em que o bar exhibe a transmissão do jogo do Vasco, apenas torcedores que fazem parte do grupo Vasco Paraíba e/ou outros que sejam vascaínos e estejam identificados como tal podem entrar no estabelecimento, algo que foi negociado com o proprietário do bar. Por esse motivo, esse espaço se configura como um ambiente confortável e seguro para os(as) vascaínos(as) se expressarem e se manifestarem entre seus pares durante o jogo. O que não quer dizer que os(as) torcedores(as) sejam a favor da torcida única nos estádios, pelo contrário, as provocações e a rivalidade são elementos constitutivos do futebol que o tornam ainda mais interessante. Contudo, o momento de torcer no bar é diferente daquele do estádio. No bar, os(as) torcedores(as) podem ficar tranquilos(as), sem estar em estado de alerta, apenas assistindo ao jogo, sem se preocupar com quaisquer problemas causados por algum membro de torcida rival.

Transitar pela cidade e em bares que são abertos a todas as torcidas em dias como esse pode gerar riscos, pois é comum que ocorram brigas e enfrentamentos verbais. A segurança é uma preocupação da diretoria do grupo e as mulheres com quem já conversei relataram que se sentem mais protegidas assistindo aos jogos em um local onde só estejam vascaínos, devido a algumas situações de violência que já vivenciaram em outros bares que estavam abertos ao público (com presença do time rival) e também em mediação de estádios de futebol. Com isso, o bar se torna um espaço seguro para os(as) torcedores(as) do Vasco, já que, nesse caso, as expressões utilizadas são dirigidas apenas aos jogadores do time adversário e ao árbitro da partida.

A torcida vascaína, mesmo estando na ausência da torcida flamenguista, não deixa passar a oportunidade de falar e cantar músicas que insultam o seu rival. Algumas das músicas mais cantadas foram: 1- “E no maraca eu vou curtir, no São Janú vou me acabar, a mulambada toda chora, não tem estádio pra jogar, dá-lhe, dá-lhe meu Vasco”; 2- “Oh mulambo, tu não tem estádio, oh mulambo, tu não tem estádio, pede pra jogar em São Januário, Eurico falou: Joga na casa do caralho”; 3- “Mulambo me diz como sente, não ter estádio pra jogar, ganhar somente no apito e a mídia suja te apoiar”; 4- “O senhor é vascaíno, vascaíno eu também sou. A Força é rei, a Raça é cu, porrada no urubu”. Nas

músicas, o Flamengo é chamado de “mulambo”. Além desse termo, existem outras expressões atribuídas ao rival, como “Flamídia”, “Varmengo”, “Flamerda”, “Flamizera”. Também são faladas algumas expressões a respeito dos(as) seus(suas) torcedores(as) e da sua torcida organizada, sempre em tom de ofensa explícita, todas elas expressando a rivalidade e o sentimento de extrema aversão que a torcida vascaína nutre pelo Flamengo.

Ao questionar alguns interlocutores sobre o termo “mulambo”, obtive algumas respostas. Esse termo se refere a algo sujo. Nas palavras de uma interlocutora, a expressão tem o seguinte significado:

Porque é como se fosse algo sujo, ruim. E faz jus à torcida péssima que eles têm. É como se fossem um lixo. Hoje tem jogo dos mulambos, é tipo um: hoje tem jogo dos lixos/sujos (T. R., 09/02/2024, entrevista, João Pessoa).

Outro interlocutor deu a seguinte resposta:

Mulambo é uma coisa pobre, suja, imunda. Aquele povo todo sujo com roupa rasgada, que vive sujo. Mas acredito que a maioria do pessoal não sabe disso. Nem sabe porque chama de mulambo, porque é um termo meio preconceituoso e não condiz com o que a torcida do Vasco prega. Mas aí acho que contra o Flamengo vale de tudo (G. F., 02/02/2024, entrevista, João Pessoa).

Vale a pena salientar que o conflito não é algo necessariamente negativo, pelo contrário, para Simmel (2011 [1964]), até mesmos as divergências de um grupo estão integradas, trazendo suas contribuições para as unidades sociais. É através do conflito, por exemplo, que se mudam regras de um grupo de torcedores em prol da organização e melhor funcionamento da dinâmica dos grupos ou que novos grupos podem vir a surgir. Dessa forma, para os estudos etnográficos, os conflitos possuem seu valor sociológico. Simmel destaca que um grupo absolutamente harmonioso e unificado é irreal, ou seja, alguns conflitos causam desconfortos e/ou transformações, mas a sociedade em que vivemos é fruto dos mesmos.

Quando o corpo está pra jogo: reflexões sobre ser uma pesquisadora mulher

Esse não foi o meu primeiro dia em campo, mas fiz minhas reflexões acerca de “estar” nesse espaço, pois a sensação de estar ali era bastante antagônica. Ao mesmo tempo em que me sentia segura e familiarizada com o lugar, pois já estava frequentando, me sentia estranha e observada. Pensando sobre como eu me sentia, recordei da fase em que estive fazendo campo para escrever minha dissertação (meados de 2019). Na minha

primeira ida a campo, fui acompanhada do meu irmão, pois não conhecia o ambiente e nem as pessoas. O lugar era uma praça com a presença de muitos homens e eu fiquei receosa de chegar sozinha. Senti no meu irmão a segurança necessária para iniciar minhas idas a campo. Após esse primeiro dia em que fui com meu irmão, consegui me sentir à vontade o suficiente para ir sozinha.

Dessa vez, pesquiso em um espaço também com uma forte presença masculina, que não posso deixar de evidenciar. Pois, como uma pesquisadora mulher, considero que se faz necessário refletir sobre minha presença e meu corpo no campo, sobre como ser mulher nos faz experienciar determinados espaços de forma única. Muitas vezes, vou assistir aos jogos acompanhada, mais uma vez de uma presença masculina, o meu namorado, e isso faz com que eu me sinta segura, mesmo em um ambiente com tantos homens. O que me intriga e estava latente em meu pensamento nesse dia era que esse conforto e essa segurança que eu sentia não eram porque eu estava sendo genuinamente respeitada, mas sim porque o respeito era ao meu companheiro. Isso é fruto de uma sociedade machista, que não respeita as mulheres, mas sim os homens que as acompanham. São comportamentos que infelizmente ainda permanecem na sociedade e, conseqüentemente, em espaços onde se vive o futebol. Será que se eu fosse me inserir nesse espaço para realizar meu campo sozinha, eu teria o mesmo conforto de estar frequentemente em um bar cheio de homens? Que riscos eu correria em fazer campo sozinha, muitas vezes no período da noite, tendo que utilizar algum meio de transporte e transitar pela cidade em horários considerados perigosos?

Em “Etnografia Arriscada: dos limites entre vicissitudes e “riscos” no fazer etnográfico contemporâneo”, Alinne Bonetti e Soraya Fleischer (2010) propõem ampliar a noção de “risco” quando se trata do fazer etnográfico, uma vez que essa categoria sempre foi muito pensada sob a perspectiva epidemiológica/biomédica e/ou criminal. No entanto, os imponderáveis que ocorrem em uma pesquisa estão para além desses dois âmbitos. Ao sair nas ruas para produzir etnografia, estamos expostas e vulneráveis de diversas formas.

Isso posto, essa ideia de risco pode ser pensada no plural, considerando os riscos específicos de cada campo, e não o risco como categoria universal. Em minha pesquisa, identifico que corro alguns riscos que dizem respeito à minha integridade física. Estar me locomovendo para chegar ao campo já oferece um risco, pois, muitas vezes, utilizo aplicativo de transporte na modalidade de moto. Diversas vezes já peguei *motoboys* que

fizeram o percurso em alta velocidade e, se não fosse minha experiência em estar na garupa, certamente alguns acidentes poderiam ter acontecido.

A maioria dos jogos acontece no período da noite. Houve alguns dias em que tive dificuldades de conseguir corrida para voltar para casa através do aplicativo, ficando sujeita ao assédio de homens que estavam no bar. Esses tipos de situações me fizeram pensar sobre como ser uma mulher pesquisadora requer ainda mais estratégia para estar em campo, principalmente em uma pesquisa vinculada com a temática futebolística. Se um pesquisador homem define os seus objetivos de pesquisa e planeja seu roteiro de entrevistas, qual caminho teórico e em quais espaços ele irá pesquisar, uma pesquisadora mulher precisa pensar todas essas questões e ainda como irá se proteger e tentar minimizar os riscos que seu campo lhe oferece.

Pesquisar é correr riscos, sobretudo quando se é mulher. A mulher pesquisadora vivencia questões em campo que os homens talvez não se deem conta de que aconteçam. A mulher se preocupa até mesmo com o que vestir, como chegar ao local, de que forma seu corpo vai ser visto e se isso pode interferir ou não no estabelecimento das relações com os(as) interlocutores(as), e diversas outras questões que precisam ser colocadas em nossas metodologias, para que haja reflexões maiores sobre a antropologia que é feita por mulheres.

Também refleti sobre como seria minha aproximação com as mulheres da torcida. Estar acompanhada, mesmo com toda aquela conotação machista de ser “a mulher de fulano”, nessa situação seria uma vantagem, pois eu não seria considerada uma ameaça, não causaria possíveis ciúmes em mulheres que estivessem com seus cônjuges. Dessa forma, passei a ver um lado positivo do qual eu poderia me beneficiar sempre que me aproximasse mais efetivamente dos torcedores com o objetivo de realizar as entrevistas.

Além disso, estar em campo me fez refletir sobre o quanto fico dividida entre viver as duas faces, a pesquisadora/antropóloga e a torcedora. O bar é o espaço onde pesquiso, mas que surgiu a partir de um momento pessoal de lazer. Uma vez que tenho essa identificação com o Vasco, sou uma torcedora e cheguei no grupo como tal, essa foi a minha primeira identidade e, só posteriormente, fui aos poucos acrescentando a informação de que eu estaria realizando uma pesquisa de doutorado.

Enquanto a bola corria no campo, eu observava a torcida, seus gestos, suas expressões e suas falas. Eu queria captar desde os detalhes sutis até as atitudes mais exorbitantes. O comportamento da torcida é guiado pelo que acontece em campo e eu me concentrava em observar as pessoas e não o telão. Embora fosse tentador voltar minha

atenção ao que acontecia dentro de campo, percebi que minha leitura de jogo deveria se basear na torcida, pois não poderia perder nenhum detalhe sobre como os(as) torcedores(as) se comportavam. Seus rostos expressavam indignação, tensão, raiva em alguns momentos, além de uma série de sentimentos que o jogo de futebol proporciona. A maioria das pessoas da torcida olhava fixamente para o telão. Um jogo entre Flamengo e Vasco provoca uma espécie de preocupação, ao mesmo tempo em que acarreta uma gana diferente de vencer. Então, quando algum jogador fazia alguma jogada boa, a torcida logo começava a cantar, levantava as mãos e vibrava na esperança de sair um gol do Vasco. Percebi, em meio a torcida, que existe a compreensão ou o consenso entre os(as) torcedores(as) de que, quanto mais a torcida canta, mais forças dá ao time, mesmo estando longe do estádio.

Nesses momentos em que a torcida vibrava e cantava, eu me sentia movida pela mesma sensação de euforia, levantava minhas mãos e cantava, lamentava os gols perdidos, não me privando de sentir as emoções, que posteriormente seriam transformadas em dados etnográficos. Tais dados colocam em evidência as minhas duas identidades, a de torcedora e pesquisadora, simultaneamente. As duas totalmente imersas e fascinadas por aquele contexto, conseguindo, assim, ter um olhar atento às minuciosidades que aconteciam ao longo do jogo.

Pensar essa dualidade de identidades que se cruzam enquanto observo meus interlocutores, dialoga muito bem com a concepção que Jeanne Favret-Saada (2005) traz em sua obra *“Ser afetado”*, na qual ela destaca que, muitas vezes, os(as) autores(as) não se colocam ou negam seu lugar na experiência humana. A autora estudou a feitiçaria no Bocage, França, e refletiu sobre quantas questões ficavam em aberto ou eram respondidas de forma superficial pelo fato de alguns/algumas pesquisadores(as) contratarem informantes ou por dispensarem de fato participar do fenômeno pesquisado. Favret-Saada percebeu que seria necessário reconsiderar e repensar o afeto, não em seu sentido de sentimento, nem o de receber ou dar, mas sobre o afeto como forma de viver a experiência, a ação de afetar-se.

Os etnólogos franceses dispensavam a participação e até mesmo a observação, trabalhando com grupos de informantes para quem enviavam questionários. Já os anglo-saxões tentavam realizar a observação participante, no entanto, não os importava a participação, mas a observação. Os primeiros não estavam presentes com os grupos estudados, e os segundos, estavam, mas mantinham uma postura passiva. Então, as pesquisas sobre feitiçaria reduziam-se, muitas vezes, ao que era respondido pelos

informantes ou ao que era visto/ouvido em campo. Com isso, Favret-Saada (2005) observou que esses etnólogos não conseguiam responder questões mais profundas. Eles tinham uma questão em foco, mas não conseguiam penetrar na complexidade dos rituais e das relações que os rodeavam. Com isso, dois obstáculos surgiram: por um lado, deixar-se enfeitiçar poderia fazer com que seu trabalho de campo se tornasse uma experiência pessoal; por outro lado, afastar-se para observar à distância, poderia prejudicar sua escrita.

A escolha metodológica de Favret-Saada (2005) foi optar por fazer da participação um instrumento de conhecimento. Viver a experiência, realizar a análise e fazer dessa experiência um objeto da ciência. Orientada pelas contribuições de Favret-Saada, observo que acionar a minha identidade de torcedora faz com que eu possa ir me tornando alguém “conhecida” entre a torcida e, com isso, preparar o caminho para a construção de um diálogo como pesquisadora. Essa identificação com o time pode ser benéfica em momentos importantes para a pesquisa, como, por exemplo, a aplicação dos roteiros de entrevistas e conversas informais que geram os dados etnográficos.

Ouvindo cada grito e cada canto: pensando as masculinidades construídas entre os torcedores

Retornando novamente para a observação do comportamento da torcida, comecei a prestar atenção ao que estava sendo falado e, com isso, percebi a indignação da torcida com o árbitro que estava apitando o jogo. Segundo a torcida, muitos juízes “roubam” para o Flamengo e dão advertência aos jogadores do Vasco injustamente. Boa parte das pessoas com quem conversei colocaram que alguns juízes são flamenguistas e, por isso, beneficiam o time. Em um desses momentos, no qual a torcida discordava da ação do juiz, alguém puxou o seguinte grito: “ei, juiz, vai tomar no cu!”. Percebe-se, nesse grito, uma conotação homofóbica, porque quem toma no cu é “viado” [sic], “leva pau” “se dá mal” — de acordo uma conversa que tive com um interlocutor quando falei dessas expressões. Dessa forma, fui provocada a adentrar em outras questões que permeiam essas formas de torcer e começar a pensar a relação dos torcedores homens e héteros com o ideal do Vasco, que se intitula como o “Clube da Inclusão”, por apoiar diversas causas e ser engajado na luta contra a homofobia e contra o racismo. Esse grito me despertou para a seguinte observação: o quanto os homens falam expressões ligadas ao feminino ou ao que não é heteronormativo de forma negativa durante a transmissão do jogo.

Essas expressões me provocaram a estar sempre ouvindo e fazendo notas sobre o vocabulário utilizado pelos homens e problematizar o porquê do uso de certas palavras.

No momento do grito, tirei meu celular da bolsa e comecei a fazer um bloco de notas com expressões como: “filho da puta, filho de rapariga, buceta”. Todas iam sendo faladas em tom de raiva em momentos em que gols eram perdidos ou em que o juiz agia em benefício do time adversário, etc.

Pensando na fase da vida dos meninos em que estão construindo suas masculinidades, Raewyn Connell (2016) aponta que a adolescência é um período no qual as transformações do corpo atingem meninos e meninas. Nessa fase, os meninos buscam apresentar uma exagerada performance da masculinidade para se diferenciar do feminino. O esporte também é um espaço de produção da masculinidade. Os meninos que são atletas, por exemplo, são incentivados a treinar ao máximo e ignorar dores físicas. Desde a adolescência, no âmbito familiar e/ou entre amigos, os meninos são incentivados a realizarem algumas práticas para “tornarem-se homens”, recebendo o status de adultos, como, por exemplo, beber, fumar, dirigir e fazer sexo sem proteção. No meio desse contexto, a linguagem também se constitui como uma ferramenta de estímulo dessa masculinidade que está se criando, por meio de uma comunicação que reforce essa busca pela diferenciação entre o feminino e o masculino e a afirmação da masculinidade. Assim, nos espaços de futebol, é comum essas práticas de falar palavras que se referem ao feminino de forma pejorativa, construindo uma masculinidade muitas vezes violenta, pautada no patriarcalismo e no desejo de dominação do feminino.

Raewyn Connell (2016) cita o exemplo das pesquisas com alunos canadenses, que mostram que há uma intimidação e uma imposição da heterossexualidade entre os meninos de 16 e 19 anos, algo que se reflete também na forma com que esses futuros homens irão enxergar o feminino. Isso contribui com uma dinâmica violenta das relações de gênero, que infelizmente se reproduz por meio de expressões machistas e misóginas no momento de transmissão dos jogos, dentro dos estádios e na vida em social como um todo.

Em “*Nordestino: invenção do ‘falo’: uma história do gênero masculino*”, Durval Muniz de Albuquerque Júnior (2013) traz o processo que levou à construção do gênero masculino e da invenção do tipo que representaria o homem nordestino. O autor disserta sobre as transformações sociais que aconteceram entre o final do século XIX e o início do século XX, principalmente sobre como essas transformações estariam reverberando sobre as relações familiares no modelo patriarcal e sobre as demais relações sociais. O autor coloca o patriarcalismo como um eixo central para discutir a invenção desse tipo nordestino. O conceito de patriarcalismo não era utilizado apenas para descrever um modelo de família

ou a forma de relação entre os gêneros, mas para descrever toda uma ordem social. A família, nesse sentido, serve de modelo para análise, uma vez que é a instituição central e que se expande para todas as demais da sociedade. Essa instituição que preservaria a verticalidade das relações, obstaculizando a consciência autônoma de seus membros, que estariam todos sob a égide de uma figura masculina e autoritária.

Utilizando a discussão de Albuquerque Júnior (2013), podemos pensar o falar do homem durante o torcer como um desmembramento ou uma consequência desse tipo nordestino criado no século XX. O autor assinala que a urbanização, a tecnologia e outras esferas, ao passo em que traziam avanços sociais como um todo, modificavam as relações de gênero. O que na época chamou-se de feminização, pois as mulheres passaram a ocupar novos espaços e papéis que antes eram destinados aos homens, acontecendo assim um borramento das fronteiras de gênero que posteriormente foi pauta para discussão de grupos elitizados que buscaram resgatar a virilidade e o homem “macho”, para não serem sucumbidos por essa feminização que estaria acontecendo mediante as transformações do mundo moderno.

O homem que torce, sem estranhamento ou incômodo algum, profere palavras ligadas ao feminino colocando sempre o sentido de negativo ou inferior. Nos bares e/ou nos estádios, é comum ver a utilização dessas expressões machistas. Funestamente, o futebol, como um recorte da sociedade, carrega consigo uma herança machista, entre boa parte de quem o faz e quem o consome. Dessa forma, percebo que falar sobre esse tema evoca também o discurso das mulheres torcedoras: quem são, como se sentem e como percebem as questões de gênero no momento de reunião para assistir às transmissões dos jogos. Em alguma medida, a reprodução dessas expressões pode acontecer de maneira inconsciente e naturalizada e, ao mesmo tempo, pode haver raciocínio sobre o que é dito.

Voltando ao jogo, as horas foram passando, já era mais da metade do segundo tempo. Acontece o que a torcida mais temia: um gol do Flamengo. A torcida fica envolvida em um misto de tristeza e raiva, e eu passei alguns minutos olhando cada rosto, tentando ler cada olhar e entender o que dizia cada silêncio. Os gritos eram explícitos. Quando se grita, coloca-se a indignação para fora vorazmente, mas os olhares e o silêncio têm sempre muito a dizer. É um sofrimento diferente, não é verbalizado, mas é tão intenso quanto o de quem se levanta da cadeira xingando com as mãos para cima.

O clima vai ficando tenso, as pessoas ficam mais apreensivas e preocupadas, pois o final do jogo vai se aproximando. Mas logo voltam a cantar e a vibrar. Nesse momento, os gritos que vinham a calhar com a situação do jogo eram: “o Vasco é o time da virada,

o Vasco é o time do amor” e “oh, vamos virar Vasco, oh, vamos virar Vasco”. Com o placar desfavorável, alguns(as) torcedores(as) silenciaram, outros(as) permanecem cantando durante 15 minutos que pareceram durar uma hora. Mesmo com todo o esforço para cantar nesses minutos finais, o jogo chega ao fim com o Vasco perdendo de 1x0.

Mas isso não é capaz de fazer a torcida deixar de ser fanática. A bateria puxa a última música, enquanto isso, as pessoas se direcionam para o caixa para realizar o pagamento da conta e o bar vai se esvaziando. Foram 150 pessoas participando desse momento, de acordo com a lista de presença feita pela diretoria.

Considerações finais

O futebol faz traçar novos caminhos pela cidade, faz relações se formarem, faz os espaços ganharem novas formas de uso, faz pessoas de idade, classe, bairros, poder aquisitivo e visão política diferentes, se encontrarem e estarem em um objetivo em comum. Além de tudo isso, ele mexe com as emoções.

Pensando sobre a cidade e sobre a forma com que eu havia me inserido em meu campo, passo a dialogar com a abordagem *de perto e de dentro*, cunhada por José Guilherme Cantor Magnani (2002), compreendendo que é evidente que o capitalismo trouxe diversas consequências para o meio urbano, como a privatização da vida coletiva, a segregação, a evitação de contatos, a restrição nas redes de relacionamentos, entre outras mudanças na forma de se relacionar dos grupos entre si e com o espaço. Não obstante, as cidades não podem ser vistas apenas sob essa ótica, como um conglomerado de prejuízos e de desordenamento, pois, mesmo perante esses problemas, é possível perceber novas formas de sociabilidade e de usos dos espaços. Sendo assim, uma observação *de perto e de dentro* contribui com uma etnografia que não ignora as novas nuances que o espaço urbano apresenta e proporciona aos nossos interlocutores.

O futebol movimenta a cidade. Por meio do ato de torcer, podemos compreender como a cidade é ocupada e as dinâmicas que acontecem a partir do interesse de estar com seus pares para apoiar seu time. As pessoas se deslocam com o objetivo de assistir ao jogo. Esse tipo de ocupação do espaço urbano tem a ver com um sentimento de gregarismo e pertencimento. Muitos(as) dos(as) interlocutores(as) passaram a ter aquele bairro e aquele bar como parte de seus trajetos, após o grupo passar a se reunir ali para ver o jogo. Quando perguntei às interlocutoras e aos interlocutores o porquê de sair de casa e se dirigir até o bar para ver o jogo, qual o significado de estarem torcendo junto aos demais. As respostas foram sobre poder estar torcendo com intensidade, cantando, apoiando o time e uns aos

outros e também sobre ter com quem comemorar as vitórias. É a celebração em conjunto que torna o momento ainda mais singular.

Esses depoimentos me remetem ao pensamento de Glória Maria Diógenes (1998) ao falar sobre a territorialidade das cidades modernas, suas fronteiras, seus limites e como a pessoa, o cidadão, passou a se relacionar com o meio urbano a partir do século XIX, o que implica em um novo olhar para a cidade e um novo existir social, que a autora traz como um novo comportamento público. Nesse sentido, são “performances, estilos, coreografias, qual seja, encenações públicas dinamizam o acontecer social” (Diógenes, 1998, p. 272). No meio desse novo comportamento público, existe o silenciamento e o afastamento. As performances são cumprimentos rápidos nas ruas e conversas em vias de passagem ao invés de haver um planejamento para encontros propositais em um espaço.

No entanto, o futebol proporciona uma subversão desse comportamento distanciado; ele aproxima, cria redes que crescem e ultrapassam o momento do jogo no bar. O futebol faz com que as pessoas queiram interagir. Nesse caso, ele provoca um comportamento sociável, oposto ao caráter blasé, que Simmel (2005) nos apresenta em “*As grandes cidades e a vida do espírito*”. O caráter blasé se refere a um modo de ser, no qual as pessoas não dispõem energia de esboçar reação umas às outras, não vivem os pequenos prazeres, são incapazes de reagir a novos estímulos. Essa mudança na vida e no tempo, que se tornou, em sua maior parte, destinado ao trabalho, causa uma indiferença e círculos pequenos. O futebol, em contrapartida, expande, multiplica os círculos e desperta uma afabilidade.

O ato de torcer coletivamente é um momento de descanso e de lazer. É do lazer que se retira força para a dinâmica da vida social, no que diz respeito ao trabalho laboral, atividades domésticas, cuidado, educação de crianças e jovens e outras inúmeras atividades que a maior parte da população precisa realizar, pois apenas uma pequena parcela tem poder aquisitivo suficiente para terceirizá-las. É preciso salientar que as questões que aparecem nas pesquisas relacionadas ao futebol se estendem a outros espaços de sociabilidade. As situações que ocorrem no universo do futebol retratam a forma como as relações sociais como um todo acontecem, as diferentes formas de viver em grupo e algumas problemáticas que precisamos apontar no intuito de pensar em uma sociedade com equidade e igualdade. No que tange ao machismo, à desigualdade de gênero, dentre outras, entendemos que o futebol é um recorte da sociedade, ou seja, ele é o que a sociedade é. Mas isso não anula a potência das camadas provenientes dele, as relações

humanas, as redes de afeto, as formas de ocupar a cidade e a fruição de vida social a partir de uma bola rolando em campo.

Referências

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *Nordestino: invenção do “falo”:* uma história do gênero masculino (1920–1940). 2a ed. São Paulo: Intermeios, 2013.

CONNELL, Raewyn. *Gênero em termos reais*. São Paulo: nVersos, 2016.

DAMATTA, Roberto. Esporte na sociedade: um ensaio sobre o futebol brasileiro. *In: DAMATTA, Roberto; FLORES, Luiz Felipe Baêta Neves; GUEDES, Simone Lahud; VOGEL, Arno. Universo do Futebol: Esporte e Sociedade Brasileira*. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982. p. 19–42.

DAMATTA, Roberto. *O que faz o brasil, Brasil?* Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

DIÓGENES, Glória Maria dos Santos. *Cartografias da cultura e da violência: gangues, galeras e o movimento Hip Hop*. 1998. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Fortaleza, 1998.

EVANS-PRITCHARD, E. E. *Os Nuer*. Uma descrição dos modos de subsistência e das instituições políticas de um povo nilota. São Paulo: Perspectiva, 2005.

FAVRET-SAADA, Jeanne. Ser afetado. *Cadernos de Campo (São Paulo-1991)*, v. 13, n. 13, p. 155–161, 2005.

FERNANDES, Camila. O tempo do cuidado: batalhas femininas por autonomia e mobilidade. *In: RANGEL, Everton; FERNANDES, Camila; LIMA, Fátima (Org.)*. Rio de Janeiro: Papéis Selvagens, 2018. p. 297–320.

FLEISCHER, Soraya; BONETTI, Alinne. Etnografia arriscada: dos limites entre vicissitudes e “riscos” no fazer etnográfico contemporâneo. *Teoria & Pesquisa Revista de Ciência Política*, v. 19, n. 1, 2010. Disponível em: <https://www.teoriaepesquisa.ufscar.br/index.php/tp/article/view/205>. Acesso em: 14 out. 2024.

FRY, Peter. Feijoada e “Soul Food”: notas sobre a manipulação de símbolos étnicos e nacionais. *In: FRY, Peter. Para Inglês Ver: identidade e política na cultura brasileira*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982. p. 47–53.

LONGHI, Márcia Reis. Os dilemas de Ruth: Conexões entre saúde, família e cuidados. *Revista Mundaú*, v. 1, n. 6, p. 145–158, 2019.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 17, n. 49, p. 11–29, 2002.

ORTNER, Sherry B. Teoria na antropologia desde os anos 60. *Mana*, v. 17, p. 419–466, 2011.

RADCLIFFE-BROWN, Alfred. Os parentescos por brincadeira. *In: RADCLIFFE-BROWN, Alfred. Estrutura e função na sociedade primitiva*. Petrópolis: Vozes, 1973. p. 115–143.

SIMMEL, Georg. *Sociologia*. São Paulo: Ática, 1983.

SIMMEL, Georg. As grandes cidades e a vida do espírito (1903). *Mana*, v. 11, p. 577-591, 2005.

SIMMEL, Georg. *Questões fundamentais de sociologia: indivíduo e sociedade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

SIMMEL, Georg. O conflito como sociação. *RBSE – Revista Brasileira de Sociologia da Emoção*, v. 10, n. 30, p. 568–573, 2011 [1964].

TOLEDO, Luiz Henrique de. *Lógicas no futebol: Dimensões simbólicas de um esporte nacional*. 2000. Tese (Doutorado em Antropologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

Recebido em 29 de março de 2024.

Aceito em 22 de outubro de 2024.